

O HORROR ESTÁ LÁ FORA: AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS ENVOLVENDO OS IMIGRANTES NO CONTO *O HORROR EM RED HOOK* (1927), POR H. P. LOVECRAFT

HORROR IS OUT THERE: DISCURSIVE REPRESENTATIONS INVOLVING IMMIGRANTS IN HORROR IN RED HOOK (1927) BY H. P. LOVECRAFT

Fausto Alencar Irschlinger¹
Miguel Allan Drehmer Gonçalves²

IRSCHLINGER, F. A.; GONÇALVES, M. A. D. O horror está lá fora: As representações discursivas envolvendo os imigrantes no conto *O Horror em Red Hook* (1927), por H. P. Lovecraft. **Akrópolis** Umuarama, v. 28, n. 1, p. 73-84, jan./jun. 2020.

DOI: 10.25110/akropolis.v28i1.7717

RESUMO: Howard Phillips Lovecraft foi um escritor norte-americano de fantasia e ficção científica, muito conhecido pelo gênero de terror, que viveu no começo do século XX e que, hoje, é bastante influente na cultura popular. Os conceitos filosóficos e narrativos pensados por ele marcam presença em grandes filmes do cinema, em histórias em quadrinhos, na música, em séries de televisão, em desenhos animados e, é claro, na literatura contemporânea. Todavia, Lovecraft também ficou conhecido por ser abertamente intolerante, tendo manifestado seu preconceito racial e sua aparente xenofobia em diversos contos e poemas. Com relação a isso, neste artigo busca-se identificar e analisar quais as representações discursivas que envolveram os imigrantes nos Estados Unidos do começo do século XX, a partir do conto *O Horror em Red Hook* (1927), de H. P. Lovecraft, procurando estabelecer um paralelo entre a ficção e a realidade. Com esse objetivo, os conceitos de *representação*, *ficção* e *discurso* serão trabalhados a partir de Pesavento e Orlandi; quanto à vida e obra de H. P. Lovecraft, utiliza-se a biografia escrita por Joshi (2014). Apesar de sua grande expressão, a literatura de Lovecraft foi pouco debatida academicamente, sobretudo em trabalhos brasileiros. Isso é surpreendente porque suas histórias, seus conceitos e suas personagens, que apresentam implicações diretas à representatividade étnica, permanecem recorrentes mesmo após quase um século desde as suas origens.

PALAVRAS-CHAVE: História contemporânea; História norte-americana; Literatura e discurso; Representações; Ficção; Howard Phillips Lovecraft.

ABSTRACT: Howard Phillips Lovecraft was an American fantasy and science fiction author, well known for the horror genre, who lived in the early 20th century and who today is very influential in popular culture. The philosophical and narrative concepts thought by him are present in great cinema films, in comic books, in music, in television series, in cartoons and, of course, in contemporary literature. However, Lovecraft was also known to be openly intolerant, having manifested his racial prejudice and apparent xenophobia in several short stories and poems. In this regard, this article seeks to identify and analyze the discursive representations that involved immigrants in the United States at the beginning of the 20th century from HP Lovecraft's short story *The Horror in Red Hook* (1927), seeking to establish a parallel between fiction and reality. To this end, the concepts of representation,

¹Pós-doutor e Doutor em História (UFPR), Mestre em História (UPF). Pós-graduação em Parapsicologia Social e Institucional (IPAPPI/FATEC), Aperfeiçoamento em Educação e Graduação em História (UPF), possui outros cursos. Mais informações em Plataforma Lattes - CNPq. irschlingerfausto@gmail.com

²Licenciado em História pela Universidade Paranaense – UNIPAR; pós-graduado em História Contemporânea e do Brasil, pela mesma instituição. miguelallan@hotmail.com

fiction, and discourse from Pesavento and Orlandi will be analyzed. Regarding the life and work of H. P. Lovecraft, the biography written by Joshi (2014) will be used for the analysis. Despite its great expression, Lovecraft's literature was not widely debated academically, especially in Brazilian works. This is surprising because their stories, their concepts, and their characters, which have direct implications for ethnic representativeness, remain recurrent even after almost a century since their origins.

KEYWORDS: Contemporary history; North American history; Literature and discourse; Representations; Fiction; Howard Philips Lovecraft.

INTRODUÇÃO

No começo do século XX um grupo reduzido de historiadores, na França, questionou sua tradição historiográfica nacional, com raízes no século XIX, criticando uma série de componentes teóricos e metodológicos, bem como reprovando vigorosamente o trabalho de autores até então reconhecidos. Esses historiadores, dentre os quais podemos citar Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie, empreenderam uma verdadeira revolução historiográfica, associada à revista *Annales*, que inaugurou, como ficou conhecida, *la nouvelle histoire* (BURKE, 2010).

Essa nova historiografia francesa optou pela substituição do antiquado modelo narrativo de fatos e acontecimentos, característico da forma positivista de escrever a história, por uma abordagem questionadora e preocupada com todas as atividades humanas, não mais limitando-se apenas à história política factual. Também propôs que os historiadores deveriam cooperar com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, entre outras, ampliando seu *know-hall*, em função da investigação histórica.

Assim, ainda nos primeiros anos da *Annales*, a Nova História aproximou-se suficientemente da antropologia para abordar temas e perspectivas culturais – apesar de a tradição francesa evitar o termo “cultura”, preferindo, ao invés disso, utilizar *civilisation*, *mentalités collectives* e *imaginaire social* (BURKE, 2008). Marc Bloch e Lucien Febvre, por exemplo, contribuíram grandemente para o campo das mentalidades, lançando uma tendência posteriormente presente noutros pesquisadores, como Braudel, Le Goff, Ladurie

e Chartier.

Gradativamente mais envolvidos pelos estudos culturais e buscando refletir sua fundamentação teórica de forma interdisciplinar, os historiadores chegaram ao conceito de *representação*, que “diz respeito à forma pela qual um indivíduo ou um grupo vê [e explica] determinada imagem, determinado elemento de sua cultura ou sociedade”.³ (SILVA, 2014, p. 214).

Para Pesavento (2007), o conceito de representação foi absorvido pelos historiadores a partir das resoluções originais de Mauss e Durkheim, do início do século passado, segundo as quais as representações, manifestas em discursos, ritos, imagens, normas e instituições, enquanto formas geradoras de comportamentos sociais e com força explicativa sobre o real, constituem uma realidade alternativa à vivência dos sujeitos, que vivem nelas e por elas. Assim, representar é, em resumo, uma ação construtiva simbólica, “a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”. (PESAVENTO, 2007, p. 40).

Entretanto, definir o conceito de *representação* é uma tarefa complexa, que vai muito além do que foi dito anteriormente, e discutir as nuances das representações ultrapassa as pretensões deste artigo⁴. Dessa forma, destaca-se que as representações compreendem sistemas de percepção, identificação, reconhecimento, comprovação, categorização e de ocultamento; também são portadoras do simbólico, com sentidos historicamente desenvolvidos, presentes no inconsciente coletivo, que ultrapassam o evidente ou o enunciado; assim como constituem complexos de verossimilidades, e não de verdades (PESAVENTO, 2007).

Desse modo, “em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural

³É pertinente compreender que, apesar de deter um grande destaque para a historiografia contemporânea, a Nova História francesa não foi exclusiva ao abordar a história sob perspectivas culturais. De fato, a tradição historiográfica na França contava com os trabalhos visionários de Jules Michelet e Alexis de Tocqueville, que, ainda no século XIX, escreveram uma história problematizada da revolução. Contudo, para Hobsbawm (1998), o historiador Peter Burke (2010) superestimou a reinvenção da escola francesa de História, quando a historiografia britânica havia igualmente superado as abordagens metódicas e positivistas de Ranke e Comte. Pesavento (2006) fortalece esse pensamento ao afirmar que os estudos culturalistas da Alemanha, a micro-história italiana e outras abordagens também auxiliaram na constituição da História Cultural.

⁴Ver mais em Pesavento (2007) e Chartier (1991).

seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”. (PESAVENTO, 2007, p. 42).

No que diz respeito a isso, podemos refletir também sobre o conceito de *ficção*. Conforme explicado por Pesavento (2007), toda a narrativa histórica acarreta a reconfiguração de uma experiência temporal, pois reapresenta um recorte histórico plausível e confiável, preocupado em explicar “como ocorreu” o passado. Mas esse é um esforço de reconstrução e representação, já que o tempo narrativo do historiador substitui o passado ao lhe imputar sentidos contemporâneos, pretensiosamente verdadeiros. Apesar de contar certa notoriedade, a narrativa histórica constitui uma ficção entre outros itinerários possíveis, marcada por interfaces que relacionam o tempo passado, o tempo presente e o tempo representado.

Essa característica narrativa da história se assemelha à ficção, quando ambas são imaginativas e ressignificam determinado objeto. A História é, em geral, tal como a literatura, uma representação, com a diferença de estar limitada por certas diretrizes científicas: fontes, métodos, pretensão pela verdade e outros. Isto posto, “a ficção é quase histórica, assim como a História é quase uma ficção”. (1994-1997, *apud* PESAVENTO, 2007, p. 37).

Além do conceito de *ficção*, outro conceito pertinente às representações é o de *discurso*. Para Orlandi (2015), a palavra “discurso” contém a ideia de “curso”, de percurso, de mobilidade. Assim, o discurso é a palavra em ação, é o exercício da linguagem que ascende do mundo concreto e é produtor de sentidos sobre o homem e a sua história. Com relação a isso, a Análise do Discurso trata da prática da fala e as representações que constituem sobre a vida dos sujeitos e às sociedades em que estão inseridos.

Segundo Silva (2014) cada discurso é uma partícula do imaginário dominante em que está contido e que abrange cada sujeito, podendo ser empregado para transformar a dinâmica política e social de determinado contexto – consciente ou inconscientemente.

É importante salientar, no que diz respeito à Análise do Discurso, que os discursos estão contidos no tempo e no espaço da ação humana; e que materializam as ideologias por meio da experiência falada. Dessa forma, “a Análise do

Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística [que são do interesse da AD, assim como a gramática], refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”. (ORLANDI, 2015, p. 14-15). Com isso, o discurso ultrapassa a função da fala ao constituir e reforçar, por meio da linguagem, as representações contidas em um determinado contexto social, sustentado suas práticas, seus costumes e suas ideologias.

Conforme a Análise do Discurso, no discurso os interlocutores atuam simultaneamente sobre o que é dito (ou velado), operando o processo de significação. Desse modo é importante considerar os sujeitos e sua construção social perpassada pela ideologia e pela história. Para Orlandi “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é o efeito de sentido entre os locutores.” (ORLANDI, 2015, p. 21). Na Análise do Discurso o processo de identificação do sujeito, o contexto de produção do discurso, a memória, os interdiscursos, entre outros aspectos, merecem ser considerados.

Com relação às preocupações da História Cultural e aos conceitos de *representação*, *ficção* e *discurso*, a obra de H. P. Lovecraft sugere uma série de evidências e retratações sobre a sociedade norte-americana do começo do século XX. Ele foi um escritor de fantasia e ficção-científica muito conhecido pelo gênero de terror que influenciou grandemente a literatura popular contemporânea. Inspirado em Edgar Allan Poe e Edward J. P. Dunsany, Lovecraft concebeu conceitos e convenções narrativas hoje bastante recorrentes no gênero de terror, como seu marcante “horror ancestral” (BRAGA, 2014). Dentre suas histórias mais famosas estão *Dagon* (1917), *A Cor que Caiu do Espaço* (1927), *A Busca Onírica por Kadath* (1927), *Nas Montanhas da Loucura* (1931) e *O Chamado de Cthulhu* (1926)⁵.

⁵A maioria das ficções escritas ou inspiradas por Lovecraft relatam, sempre mediante uma densa narrativa em primeira pessoa, episódios impactantes envolvendo o sobrenatural, relacionado à conhecimentos antigos e desconhecidos, e seus efeitos nocivos ao frágil psicológico de seus personagens, que sucumbem ante a destruição de suas convicções acerca da realidade e, eventualmente, enlouquecem. Por exemplo, em *Dagon*, o protagonista é um americano, desertor da Primeira Guerra Mundial, que se depara com vestígios de uma civilização aparentemente tão antiga e avançada quanto os egípcios ou quanto os mesopotâmicos, e que essa civilização fictícia, perdida nas profundezas do oceano atlântico, entrou em contato com saberes

Mas o interesse deste artigo com a vida e a obra de Lovecraft reside, especialmente, nas representações discursivas, severamente, preconceituosas existentes em algumas de suas histórias mais populares. De fato, o autor não costumava esconder sua aversão racista e xenofóbica ao escrever contos e poemas. Aliás, sobre si, constatava orgulhosamente pertencer a uma “aristocracia inglesa sem misturas”.⁶ (1924 *apud* JOSHI, 2014, p. 19).

Vejam alguns exemplos: na história *Herbert West, o reanimador*, em que um cientista desenvolve uma espécie de soro capaz de reanimar os mortos, porém sem trazer de volta sua razão, é alegado que os melhores espécimes são os defuntos negros, porque acreditava-se que sua fisiologia era menos desenvolvida que as demais, e por isso o efeito do soro seria mais efetivo. Em *O caso de Charles Dexter Ward*, no qual o protagonista, um jovem pesquisador entusiasmado com a história local, busca desvelar segredos obscuros envolvendo a sua família, Lovecraft narra um notável contraste social entre a decadência dos bairros negros e a tradição civilizada dos bairros brancos. Nos contos *O chamado de Cthulhu*, *A cidade sem nome* e *Ar frio*, o autor mais uma vez evidencia uma série de estereótipos xenofóbicos, com relação a ritos bárbaros e outros costumes reprováveis, etc.

Neste artigo, vamos nos ater ao o conto *O horror em Red Hook*, publicado em 1927. Nele, Lovecraft manifestou claramente seu preconceito com relação aos imigrantes, que constituíam a maioria da população de *Red Hook*, uma vizinhança do *Brooklyn*, em Nova York. De fato, a presença de estrangeiros na costa leste norte-americana, no começo do século XX, era muito comum devido à expansão industrial dos Estados Unidos, que motivou um intenso fluxo migratório. Estima-se que entre os anos de 1865 e 1915 mais de vinte e cinco milhões de imigrantes cruzaram as fronteiras do país, somando a maioria de sua população no ano de 1890 (PURDY, 2007).

Apesar de impactar diretamente a representatividade étnica e social, a literatura de

H.P.Lovecraft é pouco debatida academicamente, sobretudo no Brasil. Isso é surpreendente, uma vez que seus conceitos, suas convenções e suas personagens são bastante recorrentes na cultura popular, marcando presença em filmes, músicas, jogos eletrônicos, seriados, desenhos animados e, é claro, na literatura contemporânea, sendo consumidos diariamente. Esses elementos foram empregados na construção discursiva de uma ficção que ressignificou certas expressões sociais e fortaleceu representações históricas, envolvendo a formação dos Estados Unidos, do povo norte-americano e de sua cultura. Em especial, no conto *O Horror em Red Hook*, Lovecraft foi taxativo ao descrever a comunidade imigrante do *Brooklyn*. O que nos resta é compreender como o ele representou essa comunidade, qual o seu discurso que ele desenvolveu sobre ela. Antes disso, vamos nos deter ligeiramente à peculiar vida de Howard Phillips Lovecraft.⁷

A VIDA DE H. P. LOVECRAFT

De acordo com Joshi (2014), Howard Phillips Lovecraft nasceu no Estado de *Rhode Island*, em *Providence*, no ano de 1890. Filho único e com poucos amigos, viveu uma infância reclusa, ocupada desde cedo por solitárias atividades edificantes, como o estudo de ciências (em especial, da química e da astronomia), a leitura e a produção textual – ao que tudo indica, Lovecraft começou a ler com quatro anos de idade, quando entrou em contato com os *Contos de Fadas* dos irmãos Grimm. Seu avô materno, Whipple Phillips, um legítimo e dinâmico empreendedor, garantiu à família de sua filha, Sarah Susan, uma condição abastada, com muito conforto e poucas preocupações, e esse ambiente ofereceu ao jovem Lovecraft uma sequência de estímulos intelectuais e criativos: o contato com a poesia, com as literaturas clássica, oriental e medieval, com as ciências naturais, com a história, com a arqueologia, com a filosofia etc.

Dessa forma, H. P. Lovecraft identificou em seu avô a figura paterna que lhe faltou na infância, pois seu pai, Winfield Lovecraft, que ganhava a vida como caixeiro viajante, esteve pouco presente durante os primeiros anos do filho – Winfield, acometido alguma

esotéricos ainda mais antigas e assustadores. Não conseguindo lidar com conhecimentos tão obscuros, o simplório soldado acaba enlouquecendo – as maiores histórias do autor seguem neste modelo narrativo, que ficou conhecido como o “horror ancestral” ou “cósmico”. (BRAGA, 2014).

⁶HPL a Edwin Baird, 3 de fevereiro de 1924, SL (cartas selecionadas) SL 1, 296.

⁷Com relação ao uso de biografias como objeto de investigação, ver: Arfuch (2010), Avelar (2011), Levi (1996) e Loriga (1998).

enfermidade com implicações psiquiátricas severas, foi internado em 1892, vindo a falecer em 1898. Assim, Whipple foi quem assumiu a responsabilidade sobre o neto, encorajando-o às artes e às ciências, muito presentes em suas ficções.

Uma referência particularmente especial para a carreira literária de Lovecraft foi a de Edgar Allan Poe, autor, poeta, editor e crítico literário do século XIX, conhecido por suas histórias envolvendo o misterioso e o sinistro. Howard descobriu Poe aos oito anos de idade, o que descreveu, posteriormente, com bastante entusiasmo. Segundo ele: “Perdi o prumo, e aos oito anos vi o céu azul de Argos e da Sicília obscurecido pelas exalações miasmáticas da tumba”.⁸ (1927 *apud* JOSHI, 2014, p. 38).

A infância de Lovecraft foi intelectualmente construtiva, bem como foi edificante à sua personalidade e, mais tarde, à sua carreira. Os *Contos de Fadas*, dos irmãos Grimm, possivelmente despertaram a atenção do autor com relação à fantasia e ao paganismo, o que incidiu ao entusiasmo com que estudava a história e os mitos greco-romanos e às lendas orientais. Esse entusiasmo, entretanto, foi superado por um legítimo e profundo fascínio, que jamais foi aplacado, causado pelos mistérios funestos de Edgar Allan Poe. Assim, sua paixão pelo misterioso e pelo fantástico, seu interesse pela antiguidade e seu prestígio para com a verdade contemplativa e à lógica científica, constituem o gênio de Lovecraft (JOSHI, 2014).

Na adolescência, Howard demonstrou um considerável interesse por produções populares, independentes, que contavam com pouco, ou quase nenhum, espaço comercial. Para Joshi (2014), isso representa uma das grandes contradições da vida e da obra de Lovecraft. Segundo ele,

é um dos grandes paradoxos de toda a carreira literária de Lovecraft que ele conseguisse, de um lado, absorver os mais elevados frutos estéticos da cultura ocidental – as literaturas grega e latina, Shakespeare, a poesia de Keats e Shelley – e ao mesmo tempo frequentar as baixeiras dos mais baratos exemplares da ficção popular. (JOSHI, 2014, p. 41).

Mas essa predisposição às revistas baratas se mostrou fundamental para a sua carreira, considerando que suas maiores histórias foram publicadas em formatos similares, em revistas ou jornais populares, sendo ignoradas pelo grande público por muito tempo.

A infância de Lovecraft foi prosaica, regada à leitura de romances e poesias, ao estudo obsessivo de ciências e a investigações históricas e arqueológicas. Sua meninice também foi marcada pela tragédia: o enlouquecimento degradante do pai, Winfield, e a morte do avô, Whipple, que antecedeu a falência econômica da família. Durante a adolescência, Lovecraft conheceu o cenário amador da literatura norte americana, que o influenciou a escrever e a ingressar no jornalismo local, fomentando ainda mais a sua paixão pela investigação e pela escrita. Essas e tantas outras fases da vida do autor, envolvendo o falecimento da mãe, sua carreira como jornalista amador, a publicação de suas primeiras histórias, suas pretensões com as ciências e com a vida acadêmica, entre outros, podem ser conferidas no trabalho de Joshi (2014).

Nos cabe reconhecer outro traço constantemente aparente na carreira de Lovecraft: seu preconceito profundo e injustificado contra negros e estrangeiros.

Howard descendeu de duas famílias genuinamente britânicas: os Phillips e os Lovecraft. Mediante ambas, ele conheceu e se aproximou da história e cultura inglesa, ainda que tenha nascido e vivido por toda sua vida nos Estados Unidos. Contudo, a família Phillips, que chegou nos EUA no século XVII, foi marcada pelo dinamismo socioeconômico. Seus integrantes foram fazendeiros e investidores, que ganharam e perderam muito dinheiro ao longo do tempo – seu último grande investidor foi Whipple. Assim, a experiência dos Phillips na América garantiu as vias para o florescimento de uma sensação de pertencimento à família materna de Lovecraft, “formada por orgulhosos ianques”. (JOSHI, 2014, p. 29).

Os Lovecraft, por outro lado, não conquistaram uma fortuna considerável na América – como afirmado, por exemplo, Winfield foi caixeiro viajante, uma profissão exaustiva e pouco remunerada. Dessa forma, eles conservaram um forte saudosismo com relação a seu passado britânico, supostamente aristocrático – há, em cartas heráldicas, menções

⁸HPL a Bernard Austin Dwyer, 3 de março de 1927, SL (Cartas selecionadas). II. 109

aos *Lovecraft*, que viveram nas proximidades de *Devonshire*, mas não é possível precisar sua relação com *John Lovecraft*, o antepassado mais antigo identificado de Howard (JOSHI, 2014, p. 13).

Mesmo após a sua morte, Winfield continuou sendo uma forte referência para o jovem Lovecraft, que, assim como o pai, conservou uma forma de saudosismo para com a tradição britânica, sendo, em muitos momentos de sua carreira, bastante elogioso com relação à Nova Inglaterra – região pertencente às treze colônias originais, abrangendo os Estados do *Maine*, *Vermont*, *New Hampshire*, *Massachusetts*, *Connecticut* e *Rhode Island*.

Por outro lado, Howard ignorava, quando não menosprezava, a história do povo norte americano autônomo, independente. No que se refere à revolução de 1774, por exemplo, ele costumava defender a ação britânica, reprovando duramente a insurreição dos Estados Unidos, o que gerou dificuldades de relacionamento com sua família materna.

Esse pensamento se refletiu no preconceito do autor, que defendia com veemência a superioridade social (e racial) da civilização ocidental, à luz da Inglaterra. Assim, os negros, os latinos e os asiáticos, desatrelados da tradição ocidental greco-romana, eram, para o Lovecraft, povos pouco civilizados ou até animais. A ausência de um olhar antropológico, que naquela época se quer era popular, fazia com que o autor associasse as configurações sociais de determinado povo ou cultura com a sua constituição fisiológica.⁹

O poema *De Triumpho Naturae: The Triumph of Nature of over Northern Ignorance*¹⁰, dedicado ao professor universitário William Benjamin Smith, que sustentava a inferioridade biológica herdada dos negros e sua fraqueza física e psicológica, é o primeiro documento claramente racista escrito por Howard. Nele,

Em 24 versos, Lovecraft parafraseia alguns argumentos centrais do livro de Smith [*The Color Line: A Brief in Behalf of the Unborn*, de 1905]: que a Guerra Civil fora um trágico engano; que libertar os negros e garantir-lhes direitos civis e políticos é loucura; e que, ao fazê-lo,

os abolicionistas na verdade garantiriam a extinção da raça negra nos Estados Unidos. (JOSHI, 2014, p. 72).

Ele escreveu esse poema aos quinze anos de idade e, dessa forma, é pouco provável que tenha refletido profundamente sobre suas palavras (JOSHI 2014). Porém, ainda que jovem e inconsequente, Howard já havia sustentado outras formas de preconceito antes de escrever o poema *De Triumpho Naturae*. No ano de 1916, por exemplo, ele diz sobre suas impressões do ingresso na *Hope Street High School*, em 1904:

Mas a Hope Street é próxima o suficiente da região norte da cidade para ter uma frequência consideravelmente judia. Foi ali que formei minha inerradicável aversão à raça semita. Os judeus eram brilhantes em suas turmas – brilhantes em termos de cálculo e intriga –, mas seus ideais eram sórdidos, e suas maneiras, vulgares. Fiquei bem conhecido como antissemita antes mesmo de ter passado mais que alguns dias na Hope Street.¹¹ (1916 *apud* JOSHI, 2014, p. 73).

Quanto aos migrantes, Lovecraft afirma que

É verdade que este país tem recebido um imenso influxo de imigrantes não ingleses que chegaram até para desfrutar sem dificuldades da liberdade que nossos ancestrais britânicos talharam em trabalho e derramamento de sangue. É também verdade que alguns deles, como os de origem teutônica ou celta, são capazes de assimilar nossos tipos ingleses e de tornar-se valiosa contribuição à nossa população. Mas disto não se segue que uma mistura de sangue ou ideais realmente estranhos tenha ou possa realizar mais do que problemas [...] Talvez a imigração não possa ser uma só extirpada, mas é necessário que se compreenda que os estrangeiros que escolheram os Estados Unidos como sua residência devem aceitar a cultura e a língua dominantes como sua, e jamais tentar modificar nossas instituições, nem tentar manter as suas vivas entre nós.¹²

⁹Com relação a isso, ver o conceito de *etnocentrismo* em Silva (2014).

¹⁰O triunfo da natureza sobre a ignorância do norte, de julho de 1905 (JOSHI, 2014, p. 72).

¹¹HPL a Rheinhart Kleiner, 16 de novembro de 1916 (AHT – cartas publicadas pela Arkhan House).

¹²Joshi (2014) faz referência à um ensaio escrito por Lovecraft chamado *Americanism*, publicado pela *United Amateur Press Association* (UAPA), em 1919.

(1919 *apud* JOSHI, 2014, p. 135).

Nesta passagem, novamente podemos identificar o apego de Lovecraft para com a tradição britânica, pela qual é sempre bastante elogioso – assim como, modestamente, com relação aos migrantes “de origem teutônica ou celta”. Por outro lado, sobre as demais etnias que povoaram os Estados Unidos, incluindo os próprios norte-americanos, com sua história e seus feitos independentes, o autor é injustamente negligente.

Joshi (2014) declara ter convicção de que Lovecraft acolheu três marcantes leis anti-imigração nesse período: avaliação de letramento (1917); limitação da imigração europeia, australiana, africana e do Oriente próximo a 3% de cada população nacional estrangeira então ocupante nos Estados Unidos (1921); e, posteriormente, a redução dessa mesma cota a 2% (1924). Segundo o autor, Lovecraft não faz qualquer referência evidente a essas leis, mas o seu silêncio sobre o assunto demonstra que, como nada tinha a acrescentar, estava satisfeito com as medidas tomadas.

A aversão de Lovecraft se intensificou durante o período relativamente curto em que ele residiu em Nova York, em uma vizinhança deplorável chamada *Red Hook*, no *Brooklyn*. Segundo Purdy (2007), a população urbana nova yorkina era constituída, no final do século XIX, majoritariamente por imigrantes – vindos de várias partes do mundo, eles representavam, em média, 80% da população da cidade. Inspirado em sua má experiência em Nova York, Lovecraft escreveu o polêmico *O horror em Red Hook*, publicado no ano de 1927. Nessa história, expôs claramente seus sentimentos desgostosos com relação à cidade grande e à sua população multiétnica, que não estavam de acordo com o que ele pensava ser uma legítima tradição civilizada, como a da prosaica *Providence*, de *Rhode Island*.

O HORROR EM RED HOOK

De acordo com Joshi (2014), a cidade de Nova York dos anos vinte era realmente incrível. A maior cidade do país, com uma população miscigenada que somava quase seis milhões de habitantes – sendo composta por duzentos e cinquenta mil negros, em média, marginalizados devido ao forte racismo da época. Por um curto

período, Lovecraft viveu em Nova York, a qual custou para se adaptar, tendo que procurar trabalhos comuns, ainda que exigissem muito mais do que a sua experiência em *Providence*. Isso fez com que sofresse a solidão do desemprego, pois enquanto seus amigos e familiares próximos estavam ocupados com seus afazeres, Howard passava tardes tediosas buscando qualquer esperança nos classificados dos jornais.

Inspirado em suas más experiências vivendo em Nova York, Lovecraft escreveu, em 1925, o conto *O horror em Red Hook* – publicado em 1927, na revista *Weird Tales*. Segundo ele,

O conto trata de práticas de cultos as mais terríveis, estas disseminadas entre grupos de jovens vagabundos e barulhentos cujo mistério essencial tem muito me impressionado. O conto é longo e intrincado, não penso que seja bom, mas representa pelo menos uma tentativa de extrair o horror de uma atmosfera à qual você negaria quaisquer qualidades exceto a do lugar-comum vulgar. (1925 *apud* JOSHI, 2014, p. 254).¹³

Red Hook é uma vizinhança do *Brooklyn*, deploravelmente pobre e, naquela época, majoritariamente ocupada por imigrantes: sírios, espanhóis, italianos, negros, latinos, entre outros. O escárnio com esses povos é, em essência, o conceito desse conto. Segundo Joshi, “‘The Horror at Red Hook’ não é outra coisa além de um grito de fúria e desprezo aos ‘estrangeiros’ que tomaram Nova York da população branca à qual a cidade presumivelmente pertencia”. (JOSHI, 2014, p. 254).

Aos estrangeiros era, convenientemente, imputado a culpa sobre as mazelas sociais de Nova York, que, sendo uma das maiores e mais culturalmente heterogêneas metrópoles do país, evidenciava com clareza seu contraste com relação ao conservadorismo de Lovecraft. Como coloca Joshi,

A cidade que parecia uma fonte de glamour e maravilhas dunsianas tornara-se um lugar sujo, superpovoado e barulhento que lhe aplicava [em Lovecraft] repetidos golpes na autoestima ao negar-lhe um trabalho

¹³HPL a Frank Belknap Long, 2 de agosto de 1925 (SL II.20).

apesar de suas habilidades e ao forçá-lo a refugiar-se num buraco dominado pelo crime e infestado de ratos onde tudo o que lhe restava era escrever histórias racistas como “The Horror at Red Hook” como válvula de escape para a raiva e o desespero. (JOSHI, 2014, p. 257).

Para o autor, o conto *O horror em Red Hook* é uma ótima oportunidade para quem quiser discutir o desenvolvimento do racismo em Howard durante o período em que vivem em Nova York. Afinal, conforme afirmado pelo autor, “não resta dúvida de que o racismo de Lovecraft chegou a picos nessa época”. (JOSHI, 2014, p. 256).

Essa história tem como protagonista o investigador Thomas Malone, que enlouqueceu após sofrer uma experiência traumática ao investigar alguns rumores envolvendo a vizinhança de *Red Hook*, no *Brooklyn*, em Nova York. Ele foi encarregado para liderar uma equipe de investigação e desvendar os mistérios por trás de uma onda de sequestros, relacionados à rituais macabros e comportamentos primitivos, praticados pelos imigrantes que majoritariamente ocupavam a região.

A narrativa desse conto é bastante maniqueísta, em que os personagens “do bem” combatem os desprezíveis personagens “do mal”. Thomas Malone é descrito como um homem celta comum, encorpado e sensato, no comando um grupo de policiais corajosos “tentando limpar aqueles ninhos de desordem e violência”. (LOVECRAFT, 2012, n. p.).

A partir de seu segundo capítulo, em que Lovecraft busca ambientar a trama mediante uma densa descrição de *Red Hook* e de seus habitantes, as representações preconceituosas contidas no texto ficam mais evidentes. Conforme descrito pelo autor:

A população [de *Red Hook*] é um emaranhado e um enigma incorrigível: elementos sérios, espanhóis, italianos e negros chocam-se uns com os outros, e fragmentos de cinturões escandinavos e norte-americanos não vivem muito longe. Trata-se de uma babel de sons e sujeira lançando exclamações estranhas para responder ao barulho das ondas oleosas nos molhes imundos e às ladainhas monstruosas dos apitos do porto. Muito tempo atrás se vivia um quadro mais aprazível, com marinheiros

de olhos claros nas ruas mais abaixo e lares de bom gosto e solidez onde as casas maiores acompanham a colina. (LOVECRAFT, 2012, n. p.).

Noutro trecho, Lovecraft prossegue:

A blasfêmia de uma centena de dialetos investem contra o céu. Quando as hordas de vagabundos sem destino gritando e cantando pelas vias e ruas movimentadas, subitamente as mãos furtivas ocasionais apagam as luzes e fecham as cortinas, e os rostos morenos e macabros marcados pelo pecado desaparecem das janelas enquanto os visitantes avançam cautelosos pelo seu caminho. (LOVECRAFT, 2012, n. p.).

Nas duas passagens, o autor faz o uso de termos que evidenciam sentidos pejorativos com relação à população de *Red Hook*. A palavra “babel”, em alusão às línguas faladas na região, diz respeito à passagem bíblica, do livro de gênesis, segundo a qual Deus confundiu a língua de toda a terra e instaurou a confusão, dispersando a população de *Babel* desordenadamente. No segundo trecho, as palavras “blasfêmia”, “horda”, “vagabundos” e “morenos” reforçam os estereótipos sobre estrangeiros “corruptores” e “incivilizados” – aliás, com “morenos”, Lovecraft contrasta com o que descreveu como um “quadro mais aprazível”, quando a região era ocupada por “marinheiros de olhos claros” e seus “lares de bom gosto”. No terceiro capítulo, Lovecraft adiciona na trama uma personagem bastante elementar, o erudito holandês Robert Suydam. Nessa personagem, o autor centraliza a sua crítica aos imigrantes em território norte-americano, descrevendo a sua corrupção gradativa, condicionada pela paisagem em que está inserida. Com isso, Lovecraft faz alusão ao “câncer” étnico cultural intrusivo e desleixado que vem se expandindo dentro dos Estados Unidos que, assim como Suydam, é permissivo com “o outro” e negligente com suas raízes e tradições europeias. Vejamos outro trecho:

A lei tinha observado o caso Suydam com interesse e havia sido chamada muitas vezes para ajudar os detetives particulares. Nesse trabalho ficou-se sabendo que os novos parceiros de Suydam estavam entre os criminosos

mais sinistros e corrompidos dos caminhos tortuosos de *Red Hook* e que pelo menos um terço deles eram infratores conhecidos e reincidentes nas áreas de furto, desordem e importação de imigrantes ilegais. De fato, não seria demais dizer que o círculo particular do velho erudito coincidia quase perfeitamente com as piores facções criminosas que contrabandeavam para a terra firme determinadas escórias asiáticas sem nome e inqualificáveis, sabiamente mandadas de volta pelo cais de Ellis Island. (LOVECRAFT, 2012, n. p.).

Robert Suydam se envolveu com alguns grupos criminosos de *Red Hook*. Seus reais motivos para isso são escusos, mas ele se tornou a chave para a resolução da criminalidade da região. Conforme colocado por Lovecraft “quando começou a investigação em *Red Hook*, Malone sentiu-se pairando à beira de terrores inomináveis, com a figura maltrapilha e descuidado de Robert Suydam como o seu aqui-inimigo e adversário”. (LOVECRAFT, 2012, n. p.).

Do quarto capítulo em diante, a história se desapega o suficiente da realidade para deixar de ser tão interessante, ao menos com relação a esta pesquisa. Malone prossegue investigando os desaparecimentos em *Red Hook* até desvelar uma organização ilegal de tráfico de pessoas e sacrifícios, se deparando com horrores ancestrais e inomináveis, típicos das histórias de H. P. Lovecraft. Robert Suydam, que havia se aproximado de *Red Hook* com objetivos antropológicos, foi corrompido e acabou chefiando as atividades ilícitas do grupo, beirando a loucura.

Agora,

quanto a *Red Hook* – ele segue o mesmo. Suydam chegou e partiu; o terror reuniu-se e partiu; mas o espírito diabólico da escuridão e da esqualidez segue incubado em meio aos mestiços nas casas velhas de tijolos e nos bandos que desfilam a esmo em missões desconhecidas, passando por janelas onde as luzes e os rostos virados aparecem e desaparecem de forma enigmática. (LOVECRAFT, 2012, n. p.).

Nesse último trecho, para Joshi (2014),

Lovecraft afirma que os problemas estão longe de acabar. Apesar de Malone e seus policiais terem conseguido dismantelar a facção exotérica de *Red Hook*, encerrando temporariamente com os desaparecimentos, os estrangeiros, que para Howard são os causadores dos problemas socioeconômicos do país, continuam a acessar os Estados Unidos indiscriminadamente. Nessa perspectiva, o horror de *Red Hook* há de retornar e se alastrar, como uma infecção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Howard se considerava um “materialista mecanicista” e pessimista, pois não acreditava em qualquer evento ou fenômeno inexplicável para as leis que compõem a mecânica da natureza, assim negando certas formulações filosóficas ou religiosas imateriais como a alma imortal, Deus ou a vida após a morte. Com relação a isso, “as mais importantes influências filosóficas de Lovecraft são todas do século XIX – Darwin, Huxley, Haeckel e outros que, por seu trabalho pioneiro em biologia, química e física, trouxeram mais e mais os fenômenos ao campo do conhecido e do natural”. (JOSHI, 2014, p. 157-158).

No que diz respeito ao pessimismo, pode-se dizer que foi um produto de seu contato informal com a doutrina *nihilista* em Nietzsche e de seu interesse genuíno pela astronomia. Após estudar o universo e escrever muito sobre ele, Howard percebe que a humanidade, se observada em escala cósmica, é inegavelmente insignificante para a ordem das coisas. Como ele mesmo diz: “o sucesso é coisa relativa – e a vitória de um garoto com as bolinhas de gude é igual à vitória de um Otávio no Áccio quando medida pela escala da infinidade cósmica”.¹⁴ (LOVECRAFT, *apud* JOSHI, 2014, p. 159).

Esses fatores combinados constituem o cosmicismo em H. P. Lovecraft, que sustenta seu “horror cósmico” ou “ancestral”, presente na grande maioria de suas histórias. Em *O horror em Red Hook*, esse conceito narrativo surge com relação às criaturas reverenciadas pelos imigrantes sírios, espanhóis, italianos e outros, no Brooklyn, mediante cultos e práticas exotéricas tão antigas quanto os primeiros humanos que caminharam pela terra. Contudo, nessa história também existe uma aparente conexão entre os

¹⁴HPL a Reinhart Kleiner, 7 de março de 1920. SL (Cartas selecionadas). I. 111-12.

estrangeiros e um outro fator característico do cosmicismo: as horripilantes entidades ancestrais de Lovecraft geralmente são extraterrenas, ou seja, estrangeiras na perspectiva humana. Não afirmo que o cosmicismo, tantas vezes replicado pela indústria cultural, esteja alicerçado sobre a xenofobia de seu principal autor, mas que Lovecraft soube como empregá-lo para ilustrar o quão desesperado se sentia com relação às comunidades estrangeiras em franco desenvolvimento nos Estados Unidos no século XX.

Com essa ficção pretenciosa, ao descrever detalhadamente a vida e o comportamento dos imigrantes, com os seus vícios e os seus hábitos reprováveis, Lovecraft reforça as representações sobre eles. Seu discurso, apesar de fictício e fantasioso, se assenta sobre o receio e o reconhecimento comum dos norte-americanos envolvendo os perigos que as comunidades estrangeiras trazem consigo. Essas representações degradantes categorizam os “não americanos” taxativamente como malandros, vagabundos, violentos etc., superando o evidente e ocultando as suas reais intenções na América, seus objetivos, suas necessidades, sua história e sua subjetividade. Assim, a ficção de Lovecraft faz uma alusão com poder explicativo sobre o real, de que os estrangeiros representam riscos à população “legítima” dos Estados Unidos porque são inferiores e até animalescos.

Em contrapartida, nas poucas vezes em que se refere aos norte-americanos da Nova Inglaterra Lovecraft soa nostálgico e pesaroso, como quando lamenta o fato de Red Hook ser ocupada por “mestiços incorrigíveis” e não mais pelos “marinheiros de olhos claros” com seus “lares de bom gosto”. Essa ação comparativa também reforma, por identificação, as representações sobre os “outros”, que diferem do “nós”. Dessa forma, mesmo quando não fala diretamente sobre os imigrantes, em *O horror em Red Hook*, Lovecraft está voltado para eles. O protagonista Thomas Malone, por exemplo, é a antítese de de Robert Suydam, pois se manteve íntegro do início ao fim da história, ao passo em que Suydam foi corrompido pela paisagem em que estava inserido, transformando-se de um erudito europeu a um vagante qualquer das “baixezas” do *Brooklyn* – enquanto um deles, Malone, permanece “bom”, pois representa apenas o que há de virtuoso, o outro, Suydam,

tornou-se “mal”, marcado pela malandragem, pela criminalidade e pelo misticismo.

Por fim, cabe salientar que apesar de o cosmicismo ser empregado de tal maneira nessa história, sustentando a xenofobia do autor, esse não é o seu conceito original. O cosmicismo, tantas vezes reproduzido para o cinema, à televisão, aos quadrinhos, aos livros e aos jogos, tem muito mais de filosófico e científico do que de preconceituoso. Os autores influenciados pela ficção de Lovecraft, como Stephen King, Hobert E. Howard, Mike Mignola, Alan Moore, Neil Gaiman e outros, empregaram o antigo, o desconhecido e o exotérico de Howard despidos dos preconceitos aparentes em *O horror em Red Hook*, *Ele* e *Ar frio*. No que se refere a produções audiovisuais, os filmes *O enigma de outro mundo*, *Alien*, *Aniquilação*, *A chegada*, *Cloverfield monstro* e *Paradox*, dentre outros, assim como o seriado *Stranger Things* e os jogos *World of Warcraft*, *Amnesia*, *Bloodborne* e assim por diante, adaptaram tanto a estética descrita por Lovecraft quando o seu conceito cósmico, mas não a discriminação típica de algumas histórias do autor.

O preconceito evidenciado por Lovecraft em *O horror em Red Hook* também está presente noutras histórias publicadas ao longo de sua carreira como escritor, havendo muito mais para se pesquisar nesse sentido. Contudo, as contribuições de Howard para a literatura de fantasia e ficção científica, assim como para o jornalismo amador e para a astronomia, são tão marcantes quanto a sua intolerância. Nesse sentido, a vida e obra de H. P. Lovecraft também sugere questionamentos envolvendo outros aspectos contemporâneos e perspectivas, como a influência da mídia independente sobre as pequenas comunidades, o emprego da física moderna para a ficção do século XX ou a presença da arte contemporânea, do expressionismo e do surrealismo, para a literatura fantástica a partir de suas obras.

Em geral, os efeitos de sentido vão muito além das palavras. Assim, no discurso deve-se considerar as relações de força que estão presentes no lugar de fala do sujeito. O contexto amplo e complexo também corrobora com os efeitos de sentido e as interpretações, bem como as relações da sociedade com as instituições, intencionalidades, representações e imaginários.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. **O espaço biográfico** – dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- AVELAR, A. S. A biografia como possibilidade de escrita da História. *In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo: 2011.
- BRAGA, G. Introdução. *In: Lovecraft, H. P. Os melhores contos de H. P. Lovecraft*. São Paulo: Hedra, 2014.
- BLOCH, M. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BURKE, P. **A escola dos Annales**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 2010.
- CHARTIER, R. O Mundo como Representação. *In: Estudos Avançados*. Rio de Janeiro, n. 11 (5), 1991.
- FEBVRE, L. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989.
- HOBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JOSHI, S. T. **A vida de H. P. Lovecraft**. São Paulo: Hedra, 2014.
- KARNAL, L. et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.
- LEVI, G. Usos da Biografia. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- LORIGA, S. A biografia como problema. *In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- LOVECRAFT, H. P. **O Horror em Red Hook**. Porto Alegre – RS: L&PM, 2012.
- LOVECRAFT, H. P. **Os melhores contos de H. P. Lovecraft**. São Paulo: Hedra, 2014.
- LOVECRAFT, H. P. **Medo Clássico**: H. P. Lovecraft. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.
- PESAVENTO S. J. Cultura e Representações, uma trajetória. *In: Anos 90*. v. 13, n.23/24, p. 45-58, jan/dez. 2006.
- PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2007.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. 3v. Campinas: Papirus, 1994-1997.
- SILVA, K. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2014.
- EL HORROR ESTÁ ALLÁ AFUERA:
REPRESENTACIONES DISCURSIVAS
INVOLUCRANDO LOS INMIGRANTES EN EL
CUENTO EL HORROR EN RED HOOK (1927), por
H. P. LOVECRAFT**
- RESUMEN:** Howard Phillips Lovecraft fue un escritor estadounidense de fantasía y ciencia ficción, muy conocido por el género de terror, que vivió a principios del siglo XX y que, hoy, es muy influyente en la cultura popular. Los conceptos filosóficos y narrativos pensados por él están presentes en grandes películas de cine, en cómics, en música, en series de televisión, en dibujos animados y, por supuesto, en la literatura contemporánea. Sin embargo, también se sabía que Lovecraft era abiertamente intolerante, habiendo manifestado su prejuicio racial y su aparente xenofobia en varios cuentos y poemas. En este sentido, este artículo busca identificar y analizar qué representaciones discursivas involucraron a inmigrantes en los Estados Unidos a principios del siglo XX, a partir del cuento de HP Lovecraft *El Horror en Red Hook* (1927), buscando establecer un paralelo entre ficción y realidad. Con este fin, los conceptos de representación, ficción y discurso se trabajarán desde Pesavento y Orlandi; cuanto a la vida y obra de H. P. Lovecraft, se utiliza la biografía escrita por Joshi (2014). A pesar de su gran expresión la literatura de Lovecraft ha sido poco debatida académicamente, especialmente en estudios brasileños. Esto es sorprendente porque sus historias, sus conceptos y sus personajes, que presentan implicaciones directas a la representatividad étnica, siguen siendo recurrentes incluso después de casi un siglo desde

IRSCHLINGER, F. A.; GONÇALVES, M. A. D.

sus orígenes.

PALABRAS CLAVE: Historia contemporánea;
Historia norteamericana; Literatura y discurso;
Representaciones; Ficción; Howard Philips Lovecraft.